



NA TRILHA D'EL DIPLÔ: NOTAS DA HISTÓRIA DE *LE MONDE DIPLOMATIQUE*
NA AMÉRICA LATINA

FOLLOWING EL DIPLÔ: NOTES ABOUT HISTORY OF *LE MONDE*
DIPLOMATIQUE IN LATIN AMERICAN

Juliana Sayuri Ogassawara*

Resumo: Este artigo aborda a trajetória da edição argentina do periódico francês *Le Monde Diplomatique*. Fundado em maio de 1954, em Paris, *Le Monde Diplomatique* conquistou dimensões internacionais ao longo de sua trajetória, consolidando diversas edições internacionais, alinhadas à sua perspectiva crítica em relação ao neoliberalismo e ao imperialismo. Este artigo foca a versão publicada em Buenos Aires, considerada a principal edição latino-americana, fundada por iniciativa do argentino Carlos Gabetta, diretor de *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur* entre 1999 e 2011. Ancorado na história dos intelectuais e na história do tempo presente, este artigo aborda relações entre intelectuais franceses e argentinos na consolidação de uma experiência singular da imprensa.

Palavras-chave: *Le Monde Diplomatique*; Imprensa; Intelectuais.

Abstract: This article reviews the history of Argentinian edition of the French magazine *Le Monde Diplomatique*. Founded in May 1954, in Paris, *Le Monde Diplomatique* acquired international dimensions through its history, consolidating numerous international editions, aligned with its political ideas, professedly against imperialism and neoliberalism. This article focus the edition published in Buenos Aires, considered the main Latin American edition, founded by the Argentinian journalist Carlos Gabetta, director of *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur* between 1990 and 2011. Anchored in history of intellectuals and history of present time, this article analyzes the relations between French and Argentinian intellectuals in the process of consolidation of an exclusive experience of the press.

Keywords: *Le Monde Diplomatique*; Press; Intellectuals.

Introdução

Do lado de lá: Paris. *Le Monde Diplomatique*¹ foi idealizado pelo jornalista francês Hubert Beuve-Méry na Paris cosmopolita e diplomática de maio de 1954, sob o signo do diário *Le Monde*. Intitulado *Le Monde Diplomatique: Journal des Cercles Consulaires et*

* Doutoranda em História Social-USP. E-mail: julianasayuri.0@gmail.com

¹ Neste artigo, *Le Monde Diplomatique* encontra referência nas expressões “revista”, “magazine” ou “gazeta”. Considerando que a periodicidade mensal, o estilo e a linha editorial diferenciada, mais dedicada à análise e menos à “notícia”, afastam *Le Monde Diplomatique* do perfil de um jornal nos moldes convencionais da imprensa. Não obstante, há mínimas vezes em que a publicação é citada, por outrem, como um jornal. Farei ainda referência à edição argentina de *Le Monde Diplomatique* como *El Diplô*, a fim de desviar possíveis confusões entre a matriz francesa e a filial argentina.



Diplomatiques, o magazine se endereçava ao universo das embaixadas diplomáticas e da elite econômica, contando apenas oito páginas, periodicidade mensal e tiragem simples de 4 a 5 mil exemplares. Nos anos 1970, dirigido pelo jornalista francês Claude Julien, o periódico conquistou independência editorial. Viria depois a independência econômica (em relação ao pai, *Le Monde*) e, nos anos 1990, liderada pelo sociólogo espanhol Ignacio Ramonet, a revista consolidou diretrizes declaradamente antiimperialistas e antineoliberais e, surfando na onda do altermundialismo², angariou leitores, jornalistas e intelectuais mundo afora, tornando-se um prestigiado periódico francês de 40 páginas com mais de 65 edições internacionais, nos melhores tempos somando de 2,4 milhões de exemplares no mundo todo, um fenômeno único na imprensa internacional.³

Do lado de cá: Buenos Aires. Datou de julho de 1999 a estreia editorial de *Le Monde Diplomatique* na Argentina. Na página introdutória da edição, a revista se afirmava como “herdeira” de uma história prestigiosa e se reafirmava como crítica ao “pensamento único”, expressão cristalizada num editorial crítico de Ignacio Ramonet. Nessa linha, a *manière de voir* da matriz francesa se torna *punto de vista* singular nas páginas da versão argentina. Uma visão crítica a ângulos esquecidos pela imprensa *mainstream*: as destruições do dogma liberal, os perigos do suposto “choque de civilizações”, as oportunidades das novas tecnologias e assim por diante. Uma visão crítica, dizia *Le Monde Diplomatique*, reverberando Karl Marx, para os que querem compreender, mas também mudar o mundo atual.

Nestas páginas, reconstruo a trajetória da edição argentina do periódico francês, a partir de uma investigação histórica ancorada em duas fontes principais: o arquivo impresso de *Le Monde Diplomatique* e diversas entrevistas realizadas com os principais jornalistas em Paris e em Buenos Aires, tendo a história oral como ferramenta metodológica.

² O movimento altermundialista se contrapõe ao capitalismo neoliberal, consolidando-se nas manifestações durante as reuniões internacionais das principais instituições financeiras, como nos protestos de Seattle em novembro de 1999. Trata-se de um movimento contra a globalização marcadamente neoliberal, tendo como auge a realização do primeiro Fórum Social Mundial em Porto Alegre, em janeiro de 2001. Ancorada no lema “outro mundo é possível”, a expressão “altermundialismo” (do francês *altermondialisme*) foi idealizada a partir do movimento ATTAC, vinculado ao *Le Monde Diplomatique* francês.

³ *Le Monde Diplomatique* foi difundido na América Latina, na Ásia, na Europa e no Oriente Médio em diferentes momentos ao longo de sua trajetória. Além do francês, do inglês e do espanhol, foi traduzido para idiomas mais “distantes”, como curdo sorâni, curdo kurmandji, esperanto, fârsi e finlandês, entre outros. É difícil precisar o número de edições internacionais, pois a rede é muito fluida e às vezes frágil, assim muitas versões são repentinamente encerradas. Em novembro de 2006, o periódico atingiu a marca de 65 edições internacionais, em 25 idiomas além do francês. Em fevereiro de 2013, eram 47 edições internacionais, em 28 idiomas, entre versões impressas e estritamente eletrônicas.



Os profissionais de *Le Monde Diplomatique* são jornalistas e, ao mesmo tempo, intelectuais. Pelo ofício como produtores e difusores de informação, são considerados jornalistas. Pela intervenção nos debates contemporâneos, são considerados intelectuais, na definição de Pascal Ory e Jean-François Sirinelli (2002). O estilo de jornalismo proposto por *Le Monde Diplomatique* também busca certa distinção e legitimidade intelectual.

Um exemplo claro: na edição inaugural, em julho de 1999, a edição argentina revisitou um editorial de Ignacio Ramonet, publicado na edição francesa em outubro de 1993, para expressar a filosofia intelectual e jornalística que a nova edição pretendia herdar. Um editorial com uma crítica incisiva sobre a crise de identidade da imprensa, em que o sociólogo galego destrincha as motivações profundas no estremecimento de pilares básicos do jornalismo. Segundo Ramonet, informar não mais se pauta por uma descrição precisa de um acontecimento – no *lead* jornalístico: quem?, fez o quê?, quando?, onde?, como?, e por quê?. Informar se tornou um imperativo do “tempo real”, da divulgação (e vulgarização) imediata (e ilusória) da “história”. Assim, também mudaram as ideias de atualidade e de tempo – que envelheceram o jornalismo impresso, irremediavelmente descompassado diante do acontecimento hipermediatizado e imagético. Mas, na perspectiva do *Monde Diplomatique*, informar-se não é isso. Informar-se cansa (RAMONET, julho de 1999).

Para *Le Monde Diplomatique* e, logo, para *El Dipló*, informar-se implica uma atividade produtiva, impossível de se realizar sem esforço e mobilização intelectual. Uma atividade nobre, para que o cidadão dedique parte de seu tempo e de sua energia. Por isso, justifica Ignacio Ramonet, os textos longos, para recordar antecedentes históricos, informações fundamentais, tramas socioculturais, políticas e econômicas a fim de compreender a complexidade de um acontecimento. *El Dipló* se posiciona, assim, fiel às linhas-mestras do *Monde Diplomatique*.

Após a estreia da edição portenha, *El Dipló* conquistou outros solos sul-americanos, com edições sucessivas em Santiago, Bogotá, Caracas e La Paz, num contexto sul-americano, principalmente argentino, marcado, na expressão do jornalista argentino Carlos Gabetta, na crista da onda neoliberal (GABETTA, agosto de 2003, p. 3). *El Dipló* estreou, portanto, querendo nadar contra essa corrente ideológica e política.

No primeiro editorial argentino, Carlos Gabetta dizia que a “fórmula alternativa” ao “neoliberalismo destruidor” deve fincar raízes na política: supõe debate e ideias políticas claras, decisões políticas marcantes e participação política ativa. De uma Argentina “aluna modelo” do neoliberalismo, marcada historicamente pelo peronismo e pelas heranças incertas da



ditadura militar, o país passou por diversas transformações desde a redemocratização, acompanhadas de perto por *El Dipló* desde 1999.

A fim de revisitar o papel dos intelectuais na história da edição argentina, sigo com as indicações de Jean-François Sirinelli (1996): a importância das noções de geração, itinerário e sociabilidade no estudo dos intelectuais. Portanto, mais que mera narrativa minuciosa, pretendo expor quem foram os intelectuais que tornaram possível a edição argentina de *Le Monde Diplomatique*, e explorar as relações entre os intelectuais, marcadas por sociabilidades, tensões e conflitos. Nesta perspectiva, um dos protagonistas desta história é Carlos Gabetta, que por anos insistiu na ideia de levar *Le Monde Diplomatique* à Argentina.

O papel de Carlos Gabetta

Nascido em 28 de setembro de 1943, em Rosário, Santa Fe, Carlos Gabetta foi redator da revista *Panamara*, dirigida por Tomás Eloy Martínez (1934-2010), redator-chefe da revista política *Discusión* e, ao mesmo tempo, na década de 1970, militou no Ejército Revolucionario del Pueblo (ERP), braço armado do Partido Revolucionario de los Trabajadores (PRT). Tempos de radicalização para muitos jornalistas que, como Gabetta e Eloy Martínez, acreditavam que o jornalismo e a literatura eram lugares privilegiados para impulsionar transformações sociais (ULANOVSKY, 2011a, p. 157-158).

Entretanto: o PRT surgiu em janeiro de 1965, a partir da fusão de duas organizações políticas – Frente Revolucionario Indoamericano Popular (FRIP), liderado por Mario Roberto Santucho (1936-1976) e Francisco René Santucho (1925-?), e Palabra Obrera, linha trotskista liderada por Nahuel Moreno (1924-1987). O PRT se rompeu não muito tempo depois, a partir de 1967, entre outros fatores, por um dissenso entre duas vertentes: uma, que considerava o imperativo da luta armada; outra, que ponderava a estrutura partidária tradicional, caracterizando a guerrilha e a luta armada como estratégias distantes das organizações revolucionárias (MANGIANTINI, 2013, p. 126).

Da ruptura viriam o PRT – El Combatiente, logo PRT – EJP, liderado pelos Santucho; e o PRT – La Verdad, dirigido por Moreno, que depois desembocaria no Partido Socialista de los Trabajadores (PST). Para os Santucho, na leitura do historiador argentino Martín Mangiantini, a luta revolucionária se daria em três momentos graduais: primeiro, a revolução, ainda frágil, teria uma estratégia defensiva; depois, graças à luta revolucionária, se firmaria um equilíbrio de forças; por fim, a revolução passaria à ofensiva. À época, o PRT – EJP mirava e



admirava Fidel Castro como síntese teórica das ideias revolucionárias, de Marx a Lenin, passando por Trotsky e Mao, donde era preciso lutar por dois, três, muitos Vietnãs (MANGIANTINI, 2013, p. 137-138).

Diante desse horizonte revolucionário no PRT – ERP, o jornalista precisou se exilar logo após o golpe que derrubou Isabel Perón. Questão de dias depois do 24 de março de 1976, a militante Maria Elena Amadio foi sequestrada e assassinada pela repressão – e seu companheiro, Carlos Gabetta, precisou se refugiar, primeiro na Itália, depois na França. O PRT – ERP se desarticulou a partir de 1977, desmantelado com a repressão.

Gabetta, assim como muitos intelectuais militantes de partidos e movimentos armados da época, reviu e reconsiderou certas táticas políticas, propostas a favor da guerrilha e da luta armada como via de transformação social, com a instauração de um regime de partido único, o eliminar das propriedades privadas e a economia estatizada. Aliás, vale dizer, parte da esquerda latino-americana atual abdicou do teor revolucionário e dos modelos utópicos e teleológicos comunistas da época, reavaliando ainda suas posições sobre a ideia de democracia formal (AGUIRRE, 2013, p. 3).

Em Paris, Gabetta publicou *Todos somos subversivos* em outubro de 1979, depois publicado em Buenos Aires, em novembro de 1983. Um livro testemunhal, prefaciado por Osvaldo Soriano (1943-1997), com histórias de militantes, marginalizados e estudantes, entre outros, durante a ditadura argentina. O livro busca mostrar como *todos* eram considerados subversivos na ótica arbitrária da repressão, a partir de histórias muito diferentes, como o drama de Matilde Herrera, socialite argentina exilada em Paris após o desaparecimento de seus três filhos e suas famílias; o romance de Michel e Lilliane Guilbard, um do Moviment Rural de la Jeunesse Chrétienne de France, outra do Movimiento Rural Católico Argentino; as prisões do senador Hipólito Solari Yrigoyen, alvo de atentados da Triple A. Na Europa, o autor pretendia revelar o que se passava na Argentina; na Argentina, pretendia registrar os depoimentos como direito à memória (GABETTA, 1983, p. 12). O autor dedicou as páginas a Maria Elena e a todos os *compañeros*.

Questionei, a partir do livro, se o autor se considerava *subversivo* até os dias atuais. Interessante sua resposta, que define o que pensa sobre o papel dos intelectuais:

Todo intelectual crítico é subversivo, pois ataca ou questiona a ordem estabelecida. Se está mal, é preciso criticar o que está mal. Se está bem é preciso ver o que se pode melhorar mais. Sempre cito uma frase de Marx, quando escreveu *La cuestión judia [de 1844]*, um livro muito crítico sobre a



questão sendo o próprio autor judeu e neto de rabino. Saiu o livro e a comunidade judaica não sabia o que fazer. Disseram que ele se deixou levar por seu “temperamento passional”. E Marx respondeu: a crítica não é uma paixão da mente, mas a mente da paixão. Para mim, essa consideração deveria valer para todos os intelectuais. É preciso apaixonar-se por uma causa, por uma ideia, mas ao mesmo tempo é preciso estar pronto para ver o que está mal.⁴

Exilado, Gabetta escreveu para diversas publicações, como o francês *Politique Hebdo* e o italiano *Il Manifesto*. A partir de 1977, graças ao amigo Bernard Cassen, Gabetta passou a colaborar com *Le Monde Diplomatique*, especialmente sobre temas econômicos e políticos latino-americanos. Logo Gabetta tornou-se amigo de Claude Julien e Ignacio Ramonet. Entre seus feitos como jornalista, em 1984, revelou com Sergio Joselovsky na revista argentina *Humor* que, no dia 10 de junho de 1978, o general Jorge Rafael Videla (1925-2013) recebera uma carta assinada por 2.337 jornalistas franceses, indicando nomes de 31 jornalistas assassinados, 40 desaparecidos e 68 presos na Argentina.

De volta para casa, o jornalista participou do semanário alternativo *El Periodista de Buenos Aires*, primeiro número datado de 7 de setembro de 1984. A ideia inicial reunia jornalistas como Osvaldo Soriano, em Buenos Aires; Carlos Gabetta, indo e vindo de Paris; e Andrés Cascioli. Entretanto, Soriano e Cascioli discutiram e romperam pouco tempo antes do lançamento do tabloide, que enfim estreou sob a direção de Cascioli, com Carlos Gabetta como redator-chefe e Carlos Alfieri como redator (ULANOVSKY, 2011a, p. 169). A revista reuniu textos de Tomás Eloy Martínez, María Esther Gilio (1928-2011), Jorge Lanata, Horacio Verbitsky, entre outros, além de jovens jornalistas como Sergio Joselovsky e Julio Villalonga, que depois se destacariam na imprensa.

Na lembrança de Horacio Verbitsky, *El Periodista* foi a primeira publicação pós-ditadura a começar a ocupar os feixes de liberdade disponíveis, com estilo contestatário, crítico, investigativo. Já Gabetta, desde 1986 de volta a Buenos Aires, lembra que a revista estava na encruzilhada, hostilizada por radicais governistas e por esquerdistas. O maior impasse, Gabetta diz no livro de Carlos Ulanovsky, se sintetizava na questão: “Como se faz bom jornalismo em uma sociedade que não tolera as ideias claras e diferentes?” (GABETTA apud ULANOVSKY, 2011a, p. 171).

El Periodista acabou em maio de 1989. No início de 1990, Gabetta retornou à Europa, ficando entre Madri e Barcelona. Nunca rompeu relações com os amigos franceses do *Monde*

⁴ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 1º de setembro de 2014.



Diplomatique, pois mesmo dedicado a outras publicações, o jornalista continuava colaborando com artigos sobre a Argentina e a América Latina. Assim, na cidade catalã, iniciou a revista *cuatroSemanas y Le Monde Diplomatique*, em fins de 1992.

Décadas mais tarde, na tarde de 11 de setembro de 2012, na sua casa, no tranquilo bairro de San Telmo, Buenos Aires, Gabetta contou que um dos principais entraves para a consolidação de edições internacionais independentes do *Monde Diplomatique* era a posição do diretor francês, Claude Julien, que insistia que os outros países deveriam apenas traduzir os artigos franceses integralmente – “traduzi-los e ponto”. Isso mudaria ao Ignacio Ramonet assumir a direção, a partir de 1990 – as discussões a respeito se abrandaram lentamente, o que contribuiu para o processo de internacionalização da revista.

Traduzi-los e ponto. Eu não concordava. Eu dizia: “Não pode ser”. Era muito amistoso, mas não concordava. Dizia: “*Mira*, Ramonet, não posso fazer um jornal espanhol, com a matéria principal francesa sobre uma questão argelina ou de outra antiga colônia francesa. Que importa isso [para o leitor espanhol]? Não pode ser”.⁵

Carlos Gabetta compartilhou comigo exemplares de *cuatroSemanas y Le Monde Diplomatique*, tabloide de cerca de 48 páginas, custando 475 pesetas, impresso pela Ediciones del Parque. Enquanto *cuatroSemanas* se dedicava a questões especialmente espanholas, *Le Monde Diplomatique* trazia traduzidos os artigos franceses. A edição n.º 14, de março de 1994, contemplava um editorial-manifesto na página 23:

Uma voz clara em meio ao ruído: A nossos leitores: Ao longo de nosso primeiro ano no mercado, tratamos de diversos temas políticos, econômicos, sociais, culturais e ecológicos no âmbito nacional e internacional. A “atualidade” não é, para nós, a habitual sucessão de fatos sem nítida conexão entre si, nem com a história ou o entorno regional e mundial. O “político” carece de sentido sem a análise do “econômico”, do “social” etc. Não acreditamos que, com toda sua expressividade, uma imagem valha mais que mil palavras e, ao contrário da visão jornalística de que só é notícia que um homem morda um cachorro, e não ao contrário. Para *cuatroSemanas*, o importante é a agressão em si mesma, o destino da vítima e as razões do agressor, seja ele homem ou cachorro (talvez, sobretudo, se for cachorro). Tratamos de fazer um periódico para gente que, dispondo de informação, precisa ao menos de um guia para contemplá-la, reuni-la, organizá-la e entendê-la. Também para aqueles que se perguntam criticamente se não há alternativa possível à que nos oferecem os políticos, a política e os meios de comunicação em quase todo o mundo, e consideram que para defender e aperfeiçoar a democracia é preciso fazer muito mais que votar de tempos em

⁵ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.



tempos. Por isso, abundamos em detalhes, citações, fontes, referências – ainda que sob o risco de cansar [...].

Três detalhes se destacam nesse trecho. Na última linha do texto de março de 1994, *cuatroSemanas* invoca a já referida ideia expressa no editorial de *Le Monde Diplomatique* de outubro de 1993: informar-se cansa (RAMONET, julho de 1999, p. 4). No parágrafo anterior, a ideia de democracia como algo muito além das urnas, o que lança vestígios sobre as posições de Carlos Gabetta, afastado desde a década de 1970 de movimentos armados. Por fim, a rubrica *una voz clara en medio del ruido* da revista espanhola, que tempos depois migraria e se firmaria como *slogan* na edição argentina do *Monde Diplomatique*.

A experiência barcelonesa durou até meados de 1994. Logo Gabetta voltaria a Buenos Aires, onde passaria mais quase quatro anos tentando estabelecer e estabilizar *El Dipló*.

Não foi a primeira tentativa argentina. Gabetta menciona que, na década de 1980, o jornalista argentino Hugo Kliczkowsky ⁶ tentou fundar uma edição, mas aceitando a prerrogativa de uma revista tal qual a matriz francesa pedira, isto é, mera tradução. O projeto não vingou.

Gabetta, por sua vez, argumentava que era preciso atrair leitores argentinos. Queria lançar uma revista fiel à linha editorial do *Monde Diplomatique*, mas com assuntos nacionais como chamariz para novos leitores argentinos. Familiarizados com a experiência de *cuatroSemanas* y *Le Monde Diplomatique*, os editores franceses já estavam mais abertos a essa possibilidade. O porém: o capital.

O acordo editorial entre Gabetta e Ramonet: a edição deveria traduzir 70% dos artigos franceses, podendo preencher os 30% restantes com artigos argentinos – cifra que *El Dipló* nunca respeitou à risca. Marco de uma relação amistosa, o acordo de meados de 1999 estipulava o valor simbólico de mil dólares por mês por todos os direitos autorais. Outro custo, maior, era a remuneração para jornalistas e intelectuais. Gabetta queria bons profissionais políglotas, que dominassem inglês e francês, além do castelhano. Por isso e por questões ideológicas, pretendia oferecer salários bons – afinal, pensava o editor, uma revista de esquerda não poderia submeter seus profissionais a salários ruins.⁷

⁶ Hugo Kliczkowsky é argentino, mas vive há tempos na Espanha. Desde 2011, tentei por diversas vias, mas não foi possível localizá-lo para pedir uma entrevista para a tese, realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

⁷ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.



O editor demorou a encontrar investidores dispostos a apostar nesse projeto, caro e arriscado, na Argentina. Cruzou-lhe o caminho o empresário Hugo Sigman, da editora Capital Intelectual – “um empresário progressista, mas um empresário”, destacaria o jornalista. Gabetta lhe propôs um projeto de negócios, admitindo que perderiam dinheiro por dois ou três anos, até poderem equilibrar as contas – e, de fato, viriam a equilibrá-las no 30º mês. Assim, estreou *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur – El Dipló* em julho de 1999.

Carlos Gabetta convocou jornalistas veteranos como Marta Vassallo, Luis Bilbao e Carlos Alfieri, com quem já tinha trabalhado dez anos antes, no *El Periodista de Buenos Aires*, para integrar a redação, inicialmente instalada na Calle Acuña de Figueroa, depois na Avenida Córdoba. Além de profissionais mais experientes, apostou em jovens jornalistas como Creusa Munõz, Luciana Rabinovich e Pablo Stancanneli, inicialmente como estagiários. Tempos depois, os três se tornaram redatores e, enfim, editores.

Outras edições latino-americanas começaram a deslanchar na época. Certa vez, Gabetta recebeu um telefonema do jornalista chileno Victor Hugo de la Fuente – “um velho amigo, também exilado na França” –, que queria levar *Le Monde Diplomatique* ao Chile. Gabetta fez uma ponte entre Fuente e os franceses, propondo-lhes um acordo: a filial argentina poderia disponibilizar 100% das traduções francesas à edição chilena, assim como os 30% de artigos argentinos, num custo de mil dólares por mês – quantia que, depois, seria partilhada em 75% para os argentinos, 25% para os franceses. Chile aceitou o acordo – assim como as edições posteriores, como Bolívia, Colômbia, México, Peru e Uruguai.

Além de centralizar as traduções dos artigos – disponíveis ainda à edição espanhola –, a edição argentina é considerada uma liderança estratégica para *Le Monde Diplomatique* na América Latina, graças a Carlos Gabetta, que teve importante papel nessa expansão editorial, visitando outras capitais latino-americanas e ajudando outros jornalistas e intelectuais a firmarem novas edições. Mas diferentemente da edição argentina, mais sólida, muitas edições latino-americanas não se consolidaram, principalmente por falta de investimentos e recursos financeiros. Na casa dos 30 mil exemplares, a edição argentina também é encontrada nas principais cidades uruguaias. A versão chilena vingou graças ao capital de Victor Hugo de la Fuente, que vive entre Paris e Santiago. Por seu turno, *Le Monde Diplomatique Brasil* estreou em agosto de 2007, vinculado ao Instituto Pólis – mas a primeira edição eletrônica foi ao ar em dezembro de 1999, por iniciativa do jornalista Antonio Martins.

Tempos antes, outro telefonema importante para Carlos Gabetta: Ignacio Ramonet o procurou, contando que recebera uma carta de um velho leitor do *Le Monde Diplomatique*



francês. Ressabiado, o sociólogo galego pediu para o amigo argentino conferir quem era esse sr. Gunter Holzmann que endereçara uma carta à redação. Gabetta apurou e descobriu que se tratava de um judeu alemão, militante da juventude socialista na década de 1930, que se refugiou no Peru e na Bolívia na década de 1950. Antigo amigo de Hubert Beuve-Méry, Holzman admirava *Le Monde Diplomatique*, dizia a carta, e queria contribuir. Por volta de 1995, o admirador doou 5 milhões de francos (equivalentes à época a 1 milhão de dólares) para *Le Monde Diplomatique*, investidos na aquisição de ações do jornal.⁸

Lembrado por sua personalidade forte⁹ e por seu papel articulador para as edições latino-americanas¹⁰, Gabetta teve papel importante na história d'*El Dipló*. Considera, aliás, que *El Dipló* herda “tudo” do *Monde Diplomatique*. Na nossa primeira entrevista, em setembro de 2012, assim definiria a linha editorial da revista: um *republicanismo de esquerda* – “do centro-esquerda à esquerda mais radical, mas sempre muito democrática. Que aceita e respeita as regras republicanas”.¹¹

No nosso segundo encontro, em setembro de 2014, Carlos Gabetta definiria *republicanismo de esquerda* por:

[...] algo certamente relacionado à Revolução Francesa, uma maneira de entender a democracia. Uma república consiste em dizer se todos podemos ter jornais, se todos podemos nos educar, se todos podemos opinar e se todos podemos votar. Isto é, liberdade política. Os direitos humanos e políticos. A esquerda entende os direitos humanos como econômicos, políticos e sociais. Uma república de esquerda seria uma república que, preservando o critério da divisão dos poderes, avance nas liberdades políticas e na igualdade de direitos econômicos, políticos e sociais. É preciso reduzir as desigualdades ao seu nível mínimo. Assim compreendo a ideia de republicanismo de esquerda.¹²

A ideia de *republicanismo de izquierda* do argentino Carlos Gabetta caminha paralelamente ao pensamento esboçado pela editora francesa Anne-Cécile Robert, ao caracterizar *Le Monde Diplomatique* como uma revista internacional mas, na sua expressão, ainda *très française*.¹³ De um lado e de outro, a principal ideia é a defesa de determinados valores a demarcar a linha da matriz francesa e, conseqüentemente, as diretrizes para as edições latino-americanas.

⁸ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.

⁹ Dominique Vidal em entrevista à autora, no dia 6 de outubro de 2014.

¹⁰ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 2 de fevereiro de 2013.

¹¹ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.

¹² Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 1º de setembro de 2014.

¹³ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 14 de outubro de 2014.



Dinâmicas *diplomáticas*

Há tempos, o jornalista Carlos Gabetta mantém seus *diarios ciudadanos*, anotações e reflexões pessoais, escritas a *vuela pluma*. Diário, diz, de um argentino “muy ‘viajado’” que, por sua profissão jornalística, minuta suas observações sobre a realidade (GABETTA, 2013, p. 173). Gabetta se orgulha, não se pode negar, de seu cosmopolitismo – um argentino que viveu por muito tempo na França –, mas pondera:

[...] se algum leitor pensa que me “afrancesei”, direi que estamos de acordo. Mas me encantaria explicar-lhe que se tivesse vivido na Holanda teria me holandizado, na Alemanha alemanhizado, ou no Uruguai uruguizado, mas que em qualquer um desses países teria continuado sendo inelutavelmente argentino; não no sentido “patriótico” vulgar, que sempre acaba se prestando para qualquer coisa, mas no sentido de pertencimento a uma comunidade, a uma cultura específica (GABETTA, 2013, p. 17).

No dia 20 de maio de 2000, o argentino escreveu no *diário ciudadano*:

Chego a Londres no fim do dia e de umas breves férias, para participar da reunião anual de trabalho com vários – uma vintena – dos que fazem as edições estrangeiras de *Le Monde Diplomatique*. No dia seguinte acordo cedo e, logo depois do café, saio para passear na Russell Square, em pleno Bloomsbury. Confirmo que os parques e os jardins ingleses têm muito mais graça que os franceses. À noite, jantar e quase bebedeira com todos esses amigos, a metade mulheres. Cada um tinha dormido como pôde, mas o certo é que na manhã seguinte, fria e algo chuvosa, todo mundo, como combinado, estava às 10 *o'clock* na porta de *The Guardian* para a primeira reunião. Subimos rapidamente e mal tínhamos nos sentado – eu, pelo menos – quando Esner, um dos diretores de *The Guardian* responsáveis pela edição de *El Dipló* em inglês, arrancou sem preâmbulos: bem-vindos ao trabalho. Ele se manteve ao longo do dia quase sem abrir a boca, prestando verdadeira atenção, apesar de que era evidente que não compreendia muitas coisas em francês. Nove horas de trabalho sem cochichos, diálogos paralelos, brincadeiras ou gente se levantando... Trabalho duro, coletivo, sério e bem feito (GABETTA, 2013, p. 193-194).

A narrativa ilustra uma das primeiras reuniões anuais dos editores estrangeiros do *Monde Diplomatique* – na época, minutou o editor no diário, eram 51 edições, em 30 idiomas. Na lembrança de Gabetta, a impressão era absolutamente amistosa e democrática – e esses editores representavam o que de melhor, política e humanamente, se poderia encontrar na imprensa. Eram, na expressão do jornalista, “sonhadores concretos”.



Realizada no mês de junho, a reunião anual dos diretores das edições internacionais do *Monde Diplomatique* é um dos principais momentos para diálogo e intercâmbio de ideias sobre as experiências das edições nos diferentes países – nem todos os diretores podem comparecer, por motivos econômicos. Um *rendez-vous* de jornalistas e intelectuais, que administram empresas – mas que, ressalva o editor, o estilo não é empresarial. “Discutimos abertamente sobre tudo – e o dinheiro não está acima dessa relação. É um encontro amistoso. Um clima de camaradas”.¹⁴

Apesar da impressão de horizontalidade, *Le Monde Diplomatique* mantém certa relação hierarquizada com as edições internacionais. Afinal, Paris é a matriz, Buenos Aires e as outras edições são filiais, franquias, subsidiárias. Ao se propor a publicar versões do *Monde Diplomatique* nos seus países, esses jornalistas e intelectuais compactuam com a ideia de que é preciso seguir a linha editorial da revista francesa. Nessa ótica, consideram que não basta simplesmente fundar um jornal crítico, independente e internacional, pois valorizam a marca *Le Monde Diplomatique*. Assim, a fim de absorver esse prestígio, preferem lidar com as requisições (não rígidas, friso, mas presentes) da matriz francesa a iniciar um projeto editorial e político mais “original”.

Nas dinâmicas franco-argentinas, enquanto Carlos Gabetta publicou editoriais focados em questões nacionais e latino-americanas, como a Cuba e Venezuela, Ignacio Ramonet teve traduzidos editoriais dedicados a questões internacionais de grande angular, com críticas a líderes como Barack Obama (n.º 114), George W. Bush (n.º 66), Nicolas Sarkozy (n.º 100), Silvio Berlusconi (n.º 32) e Vladimir Putin (n.º 37), e a regiões mais “distantes” da realidade latino-americana, como Kosovo (n.º 97) e Somália (n.º 92).

Além das traduções dos artigos franceses, o *staff* argentino se divide em diversas funções. Fora Gabetta, Carlos Alfieri é o principal veterano na redação de Buenos Aires.

Nascido em 30 de outubro de 1942, em Lanús, Alfieri começou a estudar filosofia na Universidad de Buenos Aires (UBA), mas não concluiu a graduação, pois ainda jovem, aos 25 anos, iniciou sua carreira jornalística. Escreveu para *Radiolandia*, de 1969, um jornalismo próximo à literatura folhetinesca, da Editorial Julio Korn, líder de revistas de espetáculos e entretenimento da época (ULANOVSKY, 2011, p. 244). A Alfieri não interessava intelectualmente o estilo popularesco da revista, mas, ele diz, ajudava a pagar as contas no fim

¹⁴ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.



do mês. Também escreveu para a Editorial Abril, instalada na Argentina a partir de 1952, com César Civita e as revistas de Mickey e Donald, com os direitos cedidos por Walt Disney.

Para Alfieri, nos anos seguintes, seria decisivo seu ingresso no diário *La Opinión*, de Jacobo Timerman, idealizador ainda da revista *Primera Plana* (1962), da revista *Confirmado* (1965) e do diário *El Diálogo* (1969). Timerman, lendariamente lembrado como “ogro das redações” e magnânimo mentor dos jovens cronistas, foi um dos principais renovadores do jornalismo argentino (MOCHKOFISKY, 2013).

Fundado em 4 de maio de 1971, *La Opinión* marcou um momento singular do desenvolvimento do jornalismo argentino, mesclando análise política, crítica cultural, informação e às vezes literatura. Inspirado no francês *Le Monde*, o tabloide não tinha fotografias, só ilustrações e textos, longos, muito longos, assinados por jovens jornalistas do calibre de Tomás Eloy Martínez e Julian Delgado. Ao pensar *La Opinión*, diz a biógrafa Graciela Mochkofsky, Timerman¹⁵ pretendia uma publicação moderna, que deveria escrever sobre economia a partir de uma posição ideológica de direita; sobre política a partir do centro; e sobre cultura a partir de uma linha de esquerda – a fórmula não era “original”, diz Mochkofsky, correspondendo a certos elementos do *Le Monde*.

Ali Alfieri presenciou a ideia de *revolução* presente entre jovens jornalistas, cujo foco de irradiação era a Revolução Cubana. “Todos estávamos contagiados por essa grande utopia revolucionária”, lembrou, no dia 1º de setembro de 2014, num café na nova redação portenha de *El Dipló*, na Calle Paraguay.¹⁶

Em 1975, nos primeiros momentos do “terrorismo” da Triple A, Alfieri teve um amigo encontrado morto nos campos de Ezeiza – era Jorge Money, repórter sequestrado e assassinado. No dia 28 de abril, 16 artistas, escritores e jornalistas receberam ameaças da Triple A – entre eles, Carlos Civita, Mario Benedetti e Tomás Eloy Martínez (ULANOVSKY, 2011a, p. 61).

Para ilustrar a atmosfera da época, até fins de setembro de 1974, diz a jornalista Gabriela Esquivada, o Centro de Estudios Latinoamericanos contabilizou 132 ataques à imprensa: 25

¹⁵ Uma historietta interessante presente na biografia “não autorizada” de Graciela Mochkofsky, *Timerman, el periodista que quiso ser parte del poder*: a certo ponto, Jacobo Timerman considerou a possibilidade de narrar sua história com uma biografia “talvez autorizada”. Precisaria, porém, da ajuda de um jornalista para escrevê-la. Timerman pediu indicações para o agente literário Guillermo Schavelzon, que lhe indicou Carlos Gabetta, por ser um *periodista cincuentón* que vivera a época. A Mochkofsky, Gabetta contou o breve encontro com um temperamental Timerman: “Nos encontramos a meia quadra do restaurante onde tínhamos marcado e, acompanhando-me ao seu andar, fiz-lhe a carinhosa pergunta de rigor: ‘Como anda, Jacobo?’ Ele parou e me encarou: ‘Sabe o que respondeu Heráclito quando na sua velhice lhe fizeram a mesma pergunta estúpida?’” (MOCHKOFISKY, 2013, p. 441). Gabetta nunca foi oficialmente convidado a escrever a biografia de Timerman.

¹⁶ Carlos Alfieri em entrevista à autora, no dia 1º de setembro de 2014.



atentados a bomba a diários e revistas; 15 prisões de jornalistas; 14 fechamentos definitivos de mídias – entre elas, *Noticias*, da guerrilha peronista Montoneros, e *El Mundo*, adquirido pelo PRT; 14 agressões intimidatórias a jornalistas; 10 ameaças a jornalistas assinadas pela Triple A; 9 sequestros de edições de diários, livros e revistas; 7 demissões de jornalistas ordenadas por motivos políticos; 6 apropriações de TVs e editoriais; 5 assassinatos de jornalistas; 5 atentados a bomba a cinemas e teatros; 5 ataques armados a mídias; 4 decretos a limitar gradualmente a liberdade de expressão; 4 ações judiciais contra jornalistas; 3 recusas de amparos judiciais; 2 boicotes econômicos a diários; 2 invasões; 1 sequestro e tortura de um jornalista; 1 tentativa de sequestro de outro (ESQUIVADA, 2010, p. 348-349). Jacobo Timerman, tempos depois, também foi sequestrado por militares, em 1977.¹⁷

Diante desse contexto cinzento, Alfieri decidiu se exilar, passando dez anos num retiro espanhol. Voltou brevemente à Argentina para participar de *El Periodista de Buenos Aires*, mas logo voltou para a Europa, onde passaria outros vinte anos entre Madri e Barcelona – a primeira temporada de exílio, forçado por questões políticas; a segunda, por motivações econômicas. Tornou-se editor da revista espanhola *Interview* e se encontrou no jornalismo cultural. Na Espanha, ainda colaborou com a *Revista de Occidente*, idealizada por José Ortega y Gasset (1883-1955) na década de 1920, e com a *Claves de Razón Práctica*, dirigida por Fernando Savater.

Em 2008, Carlos Gabetta ligou para Alfieri, convidando-o para voltar a Buenos Aires e se unir à redação de *El Dipló*. Autor de *Conversaciones* (Katz Editores, 2008), Alfieri agora é um dos editores da revista, além de coordenador das coleções de livros, de autores argentinos e franceses, publicados pela Capital Intelectual. Assim como a matriz francesa edita a revista bimestral *Manière de voir* e os *Atlas* especiais, a redação argentina edita outras publicações, a fim de engrossar o orçamento, como as coleções *Los Libros del Dipló*, o *Anuário* e os *Atlas*.

Alfieri considera *El Dipló* um periódico de esquerda, de tendência “progressista muito crítica”. “Penso”, diz, “que o único papel [do intelectual] é ser crítico”.¹⁸ Pondera que muitas

¹⁷ Um paralelo interessante, talvez oportuno nesta nota, destaca a mentalidade da época da ditadura argentina. Jacobo Timerman, *publisher* poderoso, fundador de diversas inovadoras publicações no país, foi surpreendentemente sequestrado em 1977, acusado de lavar dinheiro dos guerrilheiros Montoneros a partir de seu vínculo com o financista David Graiver (1941-1976). Entretanto, antes de ser preso, posteriormente torturado, Timerman pensava que só os “culpados”, isto é, os guerrilheiros e seus cúmplices, estavam vulneráveis e eram submetidos aos horrores da tortura. “*Si uno no había hecho ‘nada’, no tenía que temer. Si uno era ‘importante’ y tenía aliados, mucho menos todavía*”, conta Graciela Mochkofsky na biografia não autorizada (2013, p. 267). O pensamento corrobora a ideia diametralmente oposta, presente no livro *Todos somos subversivos* de Carlos Gabetta a respeito da arbitrariedade das torturas e prisões perpetradas pelos militares.

¹⁸ Carlos Alfieri em entrevista à autora, no dia 12 de setembro de 2012.



vezes acadêmicos e literatos têm conhecimento profundo dos assuntos abordados, mas não têm ferramentas e *savoir faire* de edição jornalística para expressar esse conhecimento. Assim, Alfieri vê seu papel na edição e revisão dos textos, tornando-os mais palatáveis ao leitor “leigo” da revista – como diz Gabetta, feita por especialistas e editada por jornalistas.¹⁹

Ao lado de Alfieri, outros jornalistas, mais jovens, contribuem nesse processo de edição: Creusa Muñoz, Luciana Garbarino, Luciana Rabinovich e Pablo Stancanelli. Em linhas gerais, todos dizem se identificar com a linha editorial de *El Dipló*. Extraoficialmente, Alfieri se centra mais em questões culturais; Stancanelli, políticas; e Muñoz, internacionais.

Gabetta investiu em jovens talentos, rejuvenescendo a redação argentina. Além da diferença geracional, apostou em recém-formados de outros repertórios e itinerários além do jornalismo. Creusa Muñoz nasceu em 1978, estudou relações internacionais na Universidad Nacional de Rosario e, no último semestre da universidade, viajou a Buenos Aires para conversar com Carlos Gabetta. Diante da proposta de estágio, arriscou: tornou-se depois redatora júnior e redatora sênior; agora coordena as tarefas da redação, distribuindo as notas e matérias entre os outros editores.

Luciana Garbarino nasceu em 1986, estudou jornalismo na UBA e em 2011, logo após a graduação, foi incorporada à equipe – diferentemente de seus companheiros, porém, não era leitora assídua de *Le Monde Diplomatique*, revista que conheceu graças a seu pai.

Filha de argentinos, mas nascida no Rio em 1984, Luciana Rabinovich, por sua vez, estudou letras na UBA e se pós-graduou em relações internacionais na Universidad Torcuato di Tella. Também iniciou como estagiária e atualmente coordena a edição eletrônica de *El Dipló*. Vê uma interessante diferença de abordagens: na sua leitura, os franceses abordariam mais questões e revisões histórias, enquanto os argentinos pensariam mais a atualidade argentina e latino-americana.²⁰ Em setembro de 2014, Rabinovich se despediu da redação de *El Dipló*, para voltar ao Rio para continuar seus estudos acadêmicos.

Filho de diplomatas, Pablo Stancanelli, por fim, nasceu em Lima, em 1975, viveu na Argentina, na Itália e na Suíça, onde leu *Le Monde Diplomatique* pela primeira vez. Iniciou os estudos de filosofia na UBA, mas ainda não concluiu o curso. Viu que a revista iria se instalar em Buenos Aires em 1999 e, conversando com um “amigo fanático” por Pierre Bourdieu, decidiu encaminhar seu currículo para a vaga de estagiário. Passou por todas as funções da redação: estagiário, redator, editor.

¹⁹ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2011.

²⁰ Luciana Rabinovich em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.



Talvez sinal geracional, a presença feminina mais forte na redação argentina contrasta com a mais tímida no bureau francês. Enquanto o staff argentino conta com certo equilíbrio entre 3 jornalistas homens (entre eles, 2 veteranos) e 3 jornalistas mulheres, o francês contava com 8 jornalistas homens e 2 jornalistas mulheres por volta de 2006 – o que sinaliza a difícil feminilização da revista. Ao analisar o quadro francês, Nicolas Harvey notou que enquanto importante parte da redação, num marco geracional pré-1968, talvez não tivesse sensibilidade à causa feminista, certos jornalistas se declararam feministas de *première heure*. Velado, o conflito se manifestou, por exemplo, na década de 1990, quando três mulheres trabalharam sucessivamente por um breve período na redação francesa: a integração fracassara, pois além de ouvirem conversações machistas, elas alegaram ser consideradas *simples secrétaires*. Uma declarou se sentir como uma “máquina de escrever”. Outra jornalista afirmou que “alguns [antigos colegas] detestam as mulheres, outros as amam demais” (HARVEY, 2011, p. 330).

Outro ponto interessante é a especialização, presente tanto na equipe francesa quanto na equipe argentina. Enquanto os franceses, como diz Anne-Cécile Robert, são todos diplomados e doutores²¹, os argentinos também investem na formação acadêmica, ainda que iniciante, como os mestrados de Creusa Muñoz e Luciana Rabinovich. Buscar se aprimorar intelectualmente, aliando o universo jornalístico e a arena acadêmica não é, diga-se de passagem, tão usual nas redações quanto se possa imaginar.

O diferencial no segmento geracional anterior, de Carlos Gabetta e Carlos Alfieri, é a experiência com diversas outras publicações e um passado marcado pela proximidade com a militância política – para Gabetta no ERP e para Alfieri na redação de *La Opinión*. Assim como Alfieri, Stancanelli iniciou seus estudos universitários em filosofia, mas à época de nosso encontro, no movimentado e musical café La Esquina, a poucos metros da redação de *Le Monde Diplomatique* na Calle Paraguay, tampouco tinha concluído o curso ainda. Assim como o veterano, o jovem editor passou a priorizar o ofício jornalístico, dedicando menos tempo para a filosofia.

A questão geracional é interessante, pois mostra como os jovens bacharéis formaram sua própria visão de jornalismo, o que é flagrante, por exemplo, na frase de Stancanelli: “Minha visão do jornalismo é basicamente a do *Monde Diplomatique*”.²² Stancanelli critica a imprensa argentina, a seu ver, “quase *farándula*”, isto é, simples entretenimento, espetáculo, showbiz. Na sua leitura, *El Diplô* ofereceria outro olhar. “Dizia o primeiro editorial de Ignacio Ramonet

²¹ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 14 de outubro de 2014.

²² Pablo Stancanelli em entrevista à autora, no dia 12 de setembro de 2012.



na Argentina: buscar informação requer esforço. Não basta a leitura dinâmica dos diários, os dez minutos de TV à noite. Estar informado quer dizer buscar fontes, opinar, participar das discussões. Um jornalismo *intelectual*.”²³

O editor indica, entretanto, uma diferença importante na dinâmica no eixo Paris – Buenos Aires: assim como as demais edições internacionais, a edição argentina não tem a estrutura empresarial do *Monde Diplomatique* francês. Além disso, *Le Monde Diplomatique* conta 60 anos na França, consolidando prestígio e uma gama de colaboradores internacionais, já *El Dipló* conta 15 anos na Argentina, e ainda lhe falta investimento, por exemplo, para reportagens especiais latino-americanas. No paralelo, a admiração ao *Monde Diplomatique* francês não é tímida entre os veteranos. “*Le Monde Diplomatique* é um dos periódicos mais prestigiados do mundo”, diz Alfieri, na casa dos 70 anos. “Eu era um leitor. Quando vivi na Espanha, lia *Le Monde Diplomatique* da França. Era um leitor aficionado – e não imaginava que ia acabar trabalhando no *Le Monde Diplomatique*”.²⁴

Encontros e desencontros

Muitos encontros marcaram *Le Monde Diplomatique* e suas edições internacionais. Entretanto, presentes foram ainda desencontros, editoriais e políticos – entre certos conflitos resolvidos *diplomaticamente* fora das páginas do *Diplomatique*, e outros que culminariam, por exemplo, nas páginas da edição argentina.

Carlos Gabetta se despediu d’*El Dipló* em fevereiro de 2011. Oficialmente, no editorial simplesmente intitulado “*Le Monde Diplomatique*”, o editor revisitou a trajetória da *madre* parisiense para destacar a relevância editorial da revista. Lembrou os primeiros tempos de Claude Julien, na década de 1970, expressos no livro *Le devoir d’irrespect* que sintetiza, na leitura do editor, a ideia de que o jornalista não deve tornar suas as verdades do poder – e que, citando o livro, “não tem outra alternativa a não ser revelar o que todo poder se esforça por ocultar; que meter o dedo nas contradições e nas imposturas; que atrair os olhares sobre o que é difícil perceber; que escutar a quem não tem meios para se fazer escutar” (JULIEN apud GABETTA, fevereiro de 2011, p. 2-3).

A Julien, Gabetta atribuiu a transformação do “esclerosado” especial diplomático a uma “prestigiosa publicação progressista” de política internacional, que saltou de 40 mil a 200

²³ Pablo Stancanelli em entrevista à autora, no dia 12 de setembro de 2012, grifo meu.

²⁴ Carlos Alfieri em entrevista à autora, no dia 1º de setembro de 2014.



exemplares de difusão na língua francesa, além de suas 75 edições internacionais, à época, correspondentes a 41 impressas e 34 eletrônicas. Para Gabetta, *Diplô* oferece aos leitores uma interpretação dos principais acontecimentos mundiais contextualizados nas suas dimensões econômica, política, social. O editor fez uma interessante ressalva: “*El Diplô* não espera que todo mundo esteja de acordo, mas que o debate seja intelectualmente honesto, profissionalmente sério e formalmente respeitoso” (GABETTA, fevereiro de 2011, p. 2-3).

Definiu mais uma vez a linha editorial de *Le Monde Diplomatique* como um *republicanismo de izquierda*, que quer dizer, na sua interpretação, uma perspectiva histórica, ética e moral que propõe um mundo mais livre e mais justo – nessa linha estariam as diretrizes de Claude Julien, preservadas por Ignacio Ramonet e Serge Halimi, na edição francesa. Após a revisão histórica, Carlos Gabetta finalmente revelou que esse seria seu último editorial na *Edición Cono Sur*, após quase doze anos na direção argentina:

Toca aos leitores julgar se nesse tempo fomos fieis a esses critérios profissionais, a essa ética e a essa moral. Da minha gestão, apenas posso dizer que tentei honestamente, apoiado em todos os momentos por um secretariado eficiente, uma equipe de jornalistas profissionais, tradutores e revisores valiosos, e jovens muito bem formados que deram seus primeiros passos aqui e hoje, digo com orgulho, são profissionais de primeiro escalão. Quanto aos colaboradores externos de todos esses anos, a lista de nomes fala por si mesma: o que se diz “um luxo”; sem dúvidas, uma honra. Por fim, queria expressar meu agradecimento profundo aos leitores por sua fidelidade, adesões e discrepâncias, por terem sabido distinguir nossa “voz clara em meio ao ruído” durante todos esses anos. Por último, dar as boas-vindas a José Natanson, na certeza de que, apoiado por uma equipe de profissionais experientes e, sobretudo, fieis aderentes à “linha” e aos critérios do *Diplô*, saberá dar continuidade a essa filosofia jornalística (GABETTA, fevereiro de 2011, p. 2-3).

Esta foi a despedida oficial. Extraoficialmente, há mais. O editor decidiu sair do *Monde Diplomatique* após desentendimentos com Hugo Sigman, proprietário da editora Capital Intelectual e, portanto, do contrato com a matriz francesa.

Nascido em 1944, em Buenos Aires, Hugo Siman estudou medicina na Universidad de Buenos Aires. Tornou-se um rico empresário argentino, com atividades na área farmacêutica e veterinárias, nos Laboratorios Elea e Biogénesis-Bagó. Na área cultural, fundou a editora Capital Intelectual e a produtora K&S Films, com o amigo Oscar Kramer (1937-2010).

Sigman se casou com a bioquímica Silvia Gold, com quem fundou a companhia farmacêutica Chemo, em 1977, em Barcelona. Lado a lado, o casal agora dirige a fundação



Mundo Sano, iniciada por Roberto Gold em 1993, em Buenos Aires. Todas as empresas “familiares” estão reunidas sob a rubrica Grupo Insud.

Vindo do Partido Comunista Argentino (PCA), Sigman, nas palavras de Gabetta, seria dono de uma das maiores fortunas do país. Assim o jornalista narrou o desentendimento com o empresário:

Por um lado, ele vem do Partido Comunista Argentino, que é ultra-kirchnerista. Por outro lado, passou a fazer negócios com o governo de Cristina Kirchner. No *Monde Diplomatique*, eu tinha a mesma relação com esse governo que sempre tive por toda a minha vida, isto é, apoiava os pontos positivos e criticava os pontos negativos. E, quando o governo de Cristina Kirchner passou a dar sintomas do que se tornaria agora, autoritário e corrupto, passei a ter problemas com Hugo Sigman. Não problemas diretos, pois nunca me disse nada. Fez como fariam os empresários habituais, quer dizer, começou a me complicar a vida. Por exemplo, com o atraso nos salários. Outro exemplo: em 2009, quando completamos dez anos da edição argentina, fiz um acordo com a embaixada francesa para fazer uma grande festa. E ele decidiu cancelar essa festa, o que me constrangeu diante da embaixada. *Bueno*, enfim, um diretor de jornal não pode estar brigado com o patrão.²⁵

No desentendimento entre Hugo Sigman e Carlos Gabetta, a corda arrebentou para o lado mais fraco. Assim, Gabetta decidiu sair do *Le Monde Diplomatique*, sem ocultar certa mágoa, pois os franceses não o apoiaram absolutamente. “Eles preferiram o negócio. Nunca pedi que eles interviessem, mas... Assim desapareci do *Le Monde Diplomatique*, como se nunca tivesse participado dessa história”.²⁶

Considerações finais

Do lado de lá, Paris: *Le Monde Diplomatique*. Do lado de cá, Buenos Aires: *El Dipló*. Nestas breves páginas, busquei contar criticamente a trilha de *Le Monde Diplomatique* na Argentina, sob a direção do jornalista Carlos Gabetta, entre 1999 e 2011. Se uma breve síntese é possível, arriscaria afirmar que o caso d’*El Dipló* ilustra como uma revista internacional, de linha editorial demarcada à esquerda, também tem suas contradições.

Se as edições internacionais tendem a se *encontrar* na linha editorial famosa da edição francesa, declaradamente antineoliberal e antiimperialista, também podem se *desencontrar* em questões nacionais, cujo escopo, muitas vezes, pode escapar aos intelectuais franceses.

²⁵ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.

²⁶ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.



Questões de grande angular e de foco. No contexto latino-americano, essa ideia é ilustrada na edição argentina, historicamente marcada pelo peronismo, atualmente assinalada pelo kirchnerismo – fenômenos singulares, que podem provocar muitas fissuras ideológicas.

Encravado na história do tempo presente, pois, *Le Monde Diplomatique* evidencia como uma revista é um organismo vivo, feito de sociabilidades, amizades e animosidades intelectuais, o que se torna ainda mais complexo no caso de uma experiência de imprensa internacional, dos dois lados do Atlântico.

Referências bibliográficas

AGUIRRE, Carlos (Org.). *Militantes, intelectuales y revolucionários: ensayos sobre marxismo e izquierda en América Latina*. Raleigh: Editorial A Contracorriente, 2009.

ESQUIVADA, Gabriela. *Noticias de los montoneros: la historia del diario que no pudo anunciar la revolución*. Buenos Aires: Sudamericana, 2010.

GABETTA, Carlos. *La encrucijada argentina*. Buenos Aires: Planeta, 2013.

_____. *Todos somos subversivos*. Buenos Aires: Bruguera, 1983.

_____. *Cuatro años de 'el Dipló'*. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n. 50, agosto de 2003, p. 3.

_____. *Le Monde Diplomatique*. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, febrero de 2011, p. 2-3.

HARVEY, Nicolas. *Le Monde Diplomatique: un concept éditorial hybride au confluent de journalisme, de l'université et du militantisme*. Rennes: Université de Rennes I. Tese de Doutorado em Ciência Política.

MANGIANTINI, Martín. “*La polémica Moreno – Santucho: la lucha armada y la ruptura del Partido Revolucionario de los Trabajadores (PRT)*”. In: AGUIRRE, Carlos (Org.). *Militantes, intelectuales y revolucionários: ensayos sobre marxismo e izquierda en América Latina*. Raleigh: Editorial A Contracorriente, 2009, p. 125-150.

MOCHKOFISKY, Graciela. *Timerman: el periodista que quiso ser parte del poder (1923-1999)*. Buenos Aires: Sudamericana, 2003.

ORY, Pascal; SIRINELLI, Jean-François. *Les intellectuels en France: de l'affaire Dreyfus à nos jours*. Paris: Éditions Perrin, 2002.

RAMONET, Ignacio. *Informarse fatiga*. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n. 1, julho de 1999, p. 4.



SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In. RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996, p. 231-269.

ULANOVSKY, Carlos. *Paran las rotativas: diarios, revistas y periodistas (1920-1969)*. 2ª edição. Buenos Aires: Emecé, 2011.

_____. *Paran las rotativas: diarios, revistas y periodistas (1970-2000)*. 2ª edição. Buenos Aires: Emecé, 2011.

Recebido em: 10 de julho de 2015.

Aprovado em: 01 de agosto de 2016.